

## ■ DOSSIÊ - ARTIGOS

### ■ Como conquistar crianças e jovens para a leitura em tempos de não-leitores

 *Simão de Miranda\**

**Resumo:** Este artigo, tendo como cenário o baixo índice de leitura no Brasil entre crianças e jovens, discute como se formam os leitores em um cenário de não-leitores e como podemos atuar efetivamente na sedução deste público para o universo da leitura. Para isto, propõe ações interventivas nesta grande tragédia social em duas vertentes: na qualificação dos processos de alfabetização, letramentos e multiletramentos das crianças e jovens, assim como na produção de projetos criativos e lúdicos de leitura e de produção de textos de caráter interdisciplinar incorporado ao Projeto Político-Pedagógico da escola e que envolva todos os setores da escola. Conclui que somente assim favoreceremos a construção de um país mais letrado, mais cidadão e mais humano, e tornaremos nossas crianças e jovens protagonistas críticos, ativos, reflexivos e intencionais nos processos de emancipação e inclusão sociais.

**Palavras-chave:** Livro e leitura. Formação de leitores. Projetos de leitura e de produção de textos na escola. Proposta de intervenção.

---

\* *Simão de Miranda* é pós-doutor em educação, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, professor, escritor, palestrante, Cidadão Honorário de Brasília. Contatos: [simaodemiranda@simaodemiranda.com.br](mailto:simaodemiranda@simaodemiranda.com.br) / [www.simaodemiranda.com.br](http://www.simaodemiranda.com.br)

## Introdução

Vivemos tempos de não-leitores e convido o leitor deste artigo a lê-lo até o final para conhecer meus argumentos acerca desta provocação. Sim, vivemos tempos de não-leitores e, desafortunadamente, não detemos força, natural ou sobrenatural, para formar leitores. Aliás, não temos poder para formar alguém, em qualquer campo que seja. Mesmo considerando as fortes influências que o sujeito tem sobre o desenvolvimento do outro, transformando e sendo transformado por ele nas relações dialéticas, seu desenvolvimento é singular. Sua constituição como sujeito é singular, sua formação é singular. Nossas influências podem, sim, orientar tal formação, mas sua constituição é própria dele. Assim, não formamos leitores, leitores se formam. Ou não. O “como” podemos efetivamente influenciá-los a se formarem leitores em um tempo de não-leitores, é pretexto deste texto.

As pesquisas sobre leitura no Brasil sempre se mostram preocupantes, sobretudo quando relacionamos o ato de ler ao desenvolvimento social, econômico e cultural de uma nação. O eco da famosa elocução do pré-Modernista Monteiro Lobato alertando já na década de 1930 que “um país se faz com homens e livros” reverbera nos dias que correm como uma frase oca proferida para dourar discursos ou adornar artigos. Na prática, nestes oitenta e oito anos que nos separam desde esta advertência de um autor que, para fazer o livro circular por este país afora, fundou a primeira editora brasileira e inventou a distribuição consignada de livros para qualquer tipo de estabelecimento que desejasse dividir os lucros com ele, muito pouco avançamos. E qual a dimensão dos prejuízos pessoal e nacional de um povo que não lê? Este mesmo Lobato, também em local não sabido, apregoara que “aquele que não lê, mal ouve, mal fala, mal vê”. A riqueza desta metáfora é tal que, transcendendo a necessidade da leitura da palavra, da de ouvir o que é dito e de ver coisas e fatos, a leitura de mundo é requisito básico para o exercício consciente da cidadania, competência que exige aquele básico, mas o supera. A falta de leitura impõe alto custo pessoal e social: da baixa autoestima ao imobilismo, da alienação à exclusão do sujeito; para a nação, a negação ao desenvolvimento social, econômico, científico e cultural.

Para fundamentarmos-nos, a principal pesquisa nacional sobre o tema, a Retratos da Leitura no Brasil<sup>1</sup>, realizada trienalmente pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e da Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros), na sua edição mais recente, a de 2016, em amostra representativa de 93% da população brasileira, recortando a população de mais de cinco anos de idade, alfabetizada e não alfabetizada, contemplando as cinco regiões brasileiras, denuncia que 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro. Isso mesmo: são estatísticas alarmantes para um país que sonha ingressar no seleto grupo dos países desenvolvidos. O índice de leitura do brasileiro apontado pelo estudo é de tão somente 4,9 livros por ano. Mas, atenção: desses, apenas 2,4 livros foram terminados, o restante foi parcialmente lido. Isso significa, na verdade, que se lê pouco mais de dois livros em um ano inteiro.

Chama a atenção o dado de que para 67% da população não houve (ou não há) quem os incentivasse (ou o incentive) a ler. Todavia, dos 33% que tiveram influência, a mãe ou parente do gênero feminino foi a principal responsável (11%), seguida pelo professor (7%). Percebemos que este quadro desolador é consequência também da ausência de uma cultura de leitura na família, já resultado de um ciclo vicioso de difícil localização de sua origem, e da negligência às práticas efetivas de leitura e de produção de textos na escola. Refiro-me ao compromisso imperioso do incentivo constante e convincente da leitura às crianças e jovens, por parte dos já leitores na família e, sobretudo, da escola.

Outro dado revelador desta grande tragédia social é que, quando perguntado aos não leitores quais foram as razões para eles não terem lido nenhum livro inteiro ou partes nos três meses anteriores à pesquisa, 32% disseram que por falta de tempo, 28% por não gostar de ler, 13% por não ter paciência para ler, 9% por dificuldades na prática de leitura, 2% por achar o livro caro, 2% por não ter onde comprar na localidade onde mora.

Por fim, o último conjunto de dados da pesquisa aponta que a prática da leitura ficou nos últimos lugares quando perguntados sobre o que gostam de fazer no tempo livre. A televisão ainda é a campeã em predileção com 73%, em segundo lugar ouvir música com 60%, em seguida ficar na internet com 47%, assistir a filmes em casa com 44%, usar o *WhatsApp* com 43%, usar *Facebook*, *Twitter* ou *Instagram* com 35%, ler jornais, revistas ou notícias com 24%, e só agora que aparece a leitura de livros em papel ou digitais com 24%.

Não é difícil concluir o tamanho do desafio de estimularmos o desenvolvimento das competências na leitura e na escrita nas crianças e nos jovens de modo a torná-los cidadãos críticos e conscientes para se assumirem como protagonistas das transformações sociais emancipadoras, absolutamente necessárias para a mobilidade social das classes menos favorecidas, para construção de uma sociedade mais justa e mais inclusiva e em nível macro para a mobilidade do país no cenário global.

É notório que vivemos tempos de não-leitores, quando a pesquisa aponta que 73% do tempo livre de uma amostra que representa 93% da população brasileira é dedicado a um dispositivo de entretenimento audiovisual que não envolve leitura, que 60% dela diverte-se com mecanismo de áudio, que vultosa parte consome seu tempo navegando na *web* e trocando mensagens nas redes sociais, atividades que não são de fato práticas de leitura que ampliem seu repertório vocabular, que favoreça seu senso crítico e que promova a escrita. Portanto, convenço-me de que este é um tempo de não-leitores. E o contingente populacional leitor, como me referi anteriormente, não detém a faculdade de formar um leitor. Por isso o título provocativo deste texto. Então, como se formam os leitores neste cenário assim configurado? Como podemos atuar de modo a favorecer efetivamente este processo? Portanto, proponho aqui ações interventivas neste quadro em duas vertentes:

1. Na qualificação dos processos de alfabetização e de letramentos e multiletramentos das crianças e jovens;
2. Na produção de projetos criativos e lúdicos de leitura e de produção de textos no âmbito das escolas.

## Qualificação dos processos de alfabetização e de letramento

Ser alfabetizado é o fundamento mais primário para a conquista do direito ao exercício da cidadania. Saber assinar o nome toma de orgulho muita gente em muitos rincões deste país, pois a estes não mais se rotulam como analfabetos. É claro que a alfabetização socializa o indivíduo e favorece seu acesso a bens culturais produzidos pela humanidade. Mas o aprendizado do alfabeto e sua utilização como código de comunicação não traz junto necessariamente a competência da compreensão crítica, reflexiva e produtora de conhecimento, absolutamente necessárias para o gozo pleno e consciente da cidadania. Um mundo de velozes transformações históricas, sociais, culturais e tecnológicas exige-nos posicionamentos mais ativos e mais participativos. Exige-nos, portanto, o letramento. Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, assim sendo suprime-se a condição primeira para o sujeito se formar leitor. Para isso lhe é exigido o ingresso ao mundo letrado.

Para entendermos um pouco mais, a concepção de letramento remonta aos anos 1980. Até então, alfabetização, representava a apropriação do alfabeto como condição para a leitura e para a escrita. O vocábulo letramento, superando a proposta de compreensão do alfabeto, advoga pela necessidade das competências na leitura e na escrita. Soares (1998) nos diz que tal termo apareceu de forma consistente, caracterizando os dois termos, com Leda Verdiani Tfouni, em 1988<sup>2</sup>. Assim não basta saber ler e escrever não-reflexivamente, é pouco ser alfabetizado. É necessário ir além, posicionar-se como sujeito ativo, crítico e reflexivo nas práticas sociais da leitura e da escrita. Somente tal condição possibilita a transformação da sua história na medida em que ele é transformado por ela em um movimento dialético. Daí emergem as concepções de letramentos e multiletramentos, as quais nos ajudam a entender os lugares das crianças e jovens pretendentes leitores em um cenário multimidiático ultra-tecnológico de informações rapidamente descartáveis que rivalizam com o livro.

## Letramentos/Letramentos Múltiplos e Multiletramentos

Estamos envolvidos cotidianamente e, nos tempos atuais, em profusão alucinante, em múltiplas práticas sociais de leitura e de escrita desde as primeiras horas do dia. Tendo princípio nos exemplos básicos, como o contato com os rótulos de embalagens nos produtos de higiene no banheiro nas primeiras horas do dia, nos produtos do café da manhã, em seguida nas placas de trânsito no deslocamento para o seu destino, nos painéis de propaganda no caminho, nas frases nas camisetas dos transeuntes, nos correios eletrônicos e mensagens nas redes sociais que transitam multidirecionalmente via dispositivo eletrônico pessoal como o *smartfone* que o usuário porta no trajeto e depois no seu destino final, etc. Assim, a expressão *letramento*, usada no singular, precisa ganhar o plural para sinalizar as variedades das práticas letradas nas sociedades. Surge assim o conceito de *letramentos* ou de *letramentos múltiplos*. Todavia, estudiosos da linguística, sobretudo ligados ao Grupo de Nova Londres (ROJO, 2009) avançaram para uma proposta de *multiletramentos*, no sentido de atender às multiplicidades

culturais e semióticas das nossas múltiplas sociedades, os multiletramentos. Para Rojo (2009), esta compreensão:

(...) aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Não é difícil reconhecer nos tempos atuais os múltiplos instrumentos dos quais dispomos para comunicação e informação que produzem novas formas de letramentos, multimodais e multimidiáticos. Como Rojo (2009) aponta, “novos tempos pedem novos letramentos”. Cabe aqui a inevitável pergunta: as instituições escolares estão suficientemente qualificadas para tal desafio? No sentido de cunhar um conceito ainda mais objetivo para multiletramentos, sua compreensão e prática em contextos escolares, recorro a Rojo e Moura (2012) ao esclarecerem que

(...) trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO; MOURA, 2012, p. 8).

Neste sentido, é incontestável que as habilidades leitoras construídas pelos processos de alfabetização, de letramentos e de letramentos múltiplos/multiletramentos são pré-requisitos basilares para o ingresso consistente ao universo da leitura. Por isso precisam ser altamente qualificadas no seu ponto de partida, na formação inicial e continuada destes profissionais e conseqüentemente nos processos educativos das crianças e jovens. Uma vez conquistadas tais condições, considerando a provocação posta por este artigo, como se formam e como podemos ajudar a formar pequenos e jovens leitores? Mais: o que podemos fazer para que estes, conquistados pela leitura, continuem filiados a ela ao longo da sua vida, considerando a atração típica dos equipamentos de entretenimento eletrônico? Mais ainda: como podemos colaborar com a formação de leitores em tempos de dispositivos eletrônicos multimidiáticos sedutores e acessíveis a eles abundantemente? Neste contexto, qual o lugar do livro, especificamente as obras literárias infantojuvenis, como recurso para uma prática de leitura rica, competente e eficaz que, além de cumprir seu papel de fruição, cumpra suas funções sociais? É esta a segunda vertente desta discussão, na forma de proposta de atuação para a escola.

## Produção de projetos criativos e lúdicos de leitura e de produção de textos no âmbito das escolas

Incentivar incansável e cotidianamente a leitura criativa, lúdica, inteligente e crítica na escola e na família é a nascente de um processo que pode se constituir no curso de um fio d’água que, por sua vez, sendo alimentado continuamente por outros

fios pode tomar vulto de riacho e se consolidar como um grande e perene rio. Somos cômicos do poderoso instrumento que é o livro para a ampliação de horizontes sociais e culturais, para o enriquecimento dos seus repertórios linguísticos e de compreensão de mundo. Penso, faz tempo, que a realização de projetos de leitura e de produção de textos de caráter interdisciplinar na escola ainda é a grande estratégia eficaz, desde que incorporada ao Projeto Político-Pedagógico da escola, com lugar cativo no calendário anual e que envolva todos os setores da escola, além dos professores e alunos. Se se pretende uma experiência que marque positivamente a vida dos estudantes, deve ser grandioso em todos os aspectos. Deve ser de amplo espectro: estudantes, professores, equipes pedagógica e gestora, pessoal de apoio (merendeiras, recepcionistas, pessoal da limpeza e da segurança, etc) e, claro, a família, peça chave nesta ação. Além disso, precisa ter uma duração temporal suficiente para se explorar o máximo das suas potencialidades, nada menos de quatro meses (dois bimestres escolares), e um planejamento coletivo, consistente, flexível, integrado com e por todas as disciplinas e recoberto pelas brumas da sedução e conquista para esta ação que deve representar o mundo mágico do livro e da leitura, no qual haja a presença física do autor ou dos autores envolvidos no início e na culminância da grande festa, conversando com os estudantes, contando as histórias dos seus livros, promovendo sessões de autógrafos, prestigiando as produções dos estudantes, inspirando-os a manterem ativo o combustível do prazer da leitura e do amor aos livros.

Como autor de obras infantojuvenis há mais de vinte anos<sup>3</sup> e que assumiu para si o compromisso da formação de pequenos leitores inserindo-me e realizando este trabalho cooperativo e colaborativo nas escolas, tenho tido a alegria de testemunhar os nítidos avanços e conquistas por meio de projeto de formação de leitores e de produção de textos, na perspectiva criativa, lúdica, inteligente e crítica na escola e com o envolvimento das famílias. A outra vertente anteriormente discutida é cobrada da escola. Como resultado desta ação, presenteio a você com um delicioso cardápio de estratégias divertidas e criativas que são o recheio saboroso do projeto na sua escola. Tal elenco é apenas sugestão, você e seus colegas professores poderão contribuir com outras ideias, mas é extremamente importante que os pontos de partida e de chegada se mantenham como aqui sugeridos. Claro, uma única turma não terá condições de vivenciar todas estas sugestões, a coordenação do projeto pode ajudar a distribuí-las pelas turmas participantes, de modo a variá-las. Uma orientação extremamente importante: registrem tudo o que acontecer no percurso do projeto, tomem notas, fotografem e filmem. Isto é essencial para alimentar a avaliação, para a correção de rumo que certamente se fará necessária e sobretudo para a memória afetiva e histórica desta grande aventura do livro e da leitura. Ao final, os professores podem imprimir algumas fotos e presentear seus alunos. Na culminância, façam um belo painel com algumas imagens deste momento inesquecível e, claro, fotografem e filmem o painel. Então, aqui estão algumas pistas amplamente testadas de como seduzir crianças e jovens para a leitura em tempos de não-leitores.

Portanto, vamos à organização que articula estratégias criativas de práticas de leitura e de produção de textos.

## Estratégia de aquecimento

### Ponto de partida

Tendo os alunos já de posse dos livros adotados no projeto, inicie fazendo uma tempestade de ideias sobre a importância do livro e da leitura, com perguntas tais como: para que a gente aprende a ler? O que significa o livro para vocês? O que vocês sentem quando leem um livro ou ouvem uma história contada de um livro? O que gostariam de saber sobre livro ou sobre leitura? Provoque-os a darem suas opiniões e vá anotando em cartolinas afixadas na parede. Não censure qualquer resposta, neste momento não há certo, nem errado e você pode articular uma resposta a outra e, a partir daí, formular novas perguntas. Incentive-os a falarem. Este momento é muito importante, é aqui que você os mobilizará, os sensibilizará, os seduzirá para o projeto. Fique atento para que ao longo do desenvolvimento do projeto estas questões sejam tratadas de diversas formas. Para isso, as cartolinas ficarão sempre afixadas para orientar o percurso. No decorrer do projeto fique sempre de olho nos objetivos gerais e específicos, que são seus guias essenciais.

## Estratégias para o recheio do projeto

### Atividades preparativas

#### 1. Primeira abordagem:

Leia a história do livro adotado com paixão para a turma e instigue os alunos a comentarem ao final: o que acharam, do que mais gostaram, do que menos gostaram, do que não gostaram, a personagem que mais gostou, a que menos gostou, o que poderia ser diferente, etc. Esta leitura pode ser na forma de dramatização, de preferência com figurinos ou de forma simples na frente da turma ou na rodinha! Não se esqueça de mostrar a capa, de enfatizar, além do nome do autor, o do ilustrador e da editora. Fale sobre os papéis do ilustrador e da editora na produção de um livro. Em momento mais adiante, você aprofundará estas informações. Durante a leitura, em alguns momentos, pergunte o que vai acontecer a seguir.

#### 2. Retratos da Leitura no Brasil:

Em uma linguagem ao nível deles, fale dos dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e enfatize a importância do livro e da leitura. Incentive-os a comentarem a informação, pois logo será comutada em conhecimento. Aqui e ao longo do projeto, oriente-os falarem desta pesquisa em casa e incentivem sua família a ler. Pesquise na internet pequenos vídeos sobre a situação da leitura no Brasil e também da importância desta e mostre a eles em diversos momentos.

#### 3. Leitura todo dia:

Estabeleça o costume de iniciar suas aulas sempre com a leitura de uma história infantojuvenil curta, divertida e criativa seja minha ou de outros autores. Pode ser feito em outro momento da aula, desde que seja no mesmo momento em todas as aulas. Além de promover o mergulho no universo da imaginação e criatividade, cria aos poucos o costume e a expectativa da leitura.

#### 4. Processo de produção de um livro:

Converse com os alunos sobre o processo de produção de um livro, desde a inspiração do autor até chegar às mãos do

leitor. Alimente a curiosidade deles ao ensiná-los que o autor apresenta seu original a uma determinada editora, que esta põe seu departamento editorial para avaliar a obra e decidir se publica ou não, de acordo com os critérios de mercado (ou seja, se entenderem que a obra tem qualidade para ser bem vendida ou não); se aprovada, é feito o contrato de direitos autorais no qual é estabelecido quanto o autor vai ganhar por cada livro vendido (no Brasil, em geral não passa de 8% do preço de cada exemplar) e definida também qual será a tiragem (ou seja, quantos exemplares serão impressos); depois vai para a preparação editorial: revisão, diagramação, ilustração, capa (aqui entra outro artista importante: o ilustrador); depois disso vai para a gráfica que o imprime; após isto é feita a divulgação e o lançamento; paralelamente, é feita a distribuição para livrarias. Acesse a internet e se abasteça de outras informações sobre esta maravilhosa curiosidade que pode aumentar o afeto do leitor pelo livro!

#### 5. Leitura compartilhada:

Agora é hora de propor a leitura compartilhada da obra: cada aluno lê um trecho da história. Incentive-os a comentarem a atividade. Em turmas de Educação Infantil, faça a leitura e a discussão do livro no momento da rodinha, que pode ser revezada com as crianças que já se iniciaram na prática da leitura.

#### 6. Brinque com a palavra:

Palavra, signo criado por nós para ajudar-nos a interpretar o significado das coisas que nos rodeiam. Escolha uma palavra-chave curta do livro adotado, uma que apareça muito, que represente bem a história, com duas ou três sílabas. Escreva-a no quadro. Por exemplo, CASA. A partir daí, peça aos alunos para que a copiem para uma folha com o seu nome. A um sinal combinado, cada um deverá, partindo daquela palavra, transformá-la no maior número possível de outras palavras, com a mesma quantidade de sílabas que a palavra matriz, mediante a alteração das posições das suas letras e, ainda, se assim quiserem, substituindo uma das suas letras. Partindo do exemplo dado, teríamos: RASA, SACA, ASAS, CASO, SOCA, FACA, NASA, VASA, ASSA, etc. Alerta-os que só serão validadas as palavras existentes no nosso vocabulário. Terminado o tempo estipulado, recolha as folhas e faça a apuração para ver qual foi o aluno que mais palavras conseguiu formar. Uma variável para esta atividade: divida a turma em times. Escreva no quadro uma palavra do livro. Estipule um tempo para que busquem formar outras palavras misturando as letras da que foi dada. Estabeleça, se desejar, um score mínimo a ser atingido pelos times. Proceda de acordo com a atividade anterior. Esta estratégia favorece a produção da escrita.

#### 7. O jogo do por que:

Para brincar com produção textual, a partir do livro, entregue uma folha em branco para o primeiro aluno de cada fileira da sua sala de aula. Solicite que ele escreva na sua parte superior uma pergunta qualquer, relacionada à história do livro adotado, desde que inicie pela expressão POR QUE. Por exemplo, sobre meu livro De Bruxa Tenebrosa a Fada Graciosa<sup>4</sup>, pode ser feito assim: Por que a bruxinha Tenebrosa é tão diferente das outras bruxas? Em seguida peça para que ele dobre horizontalmente para trás a área onde está a pergunta e passe a folha para o colega que está na carteira detrás. Peça para que este, sem ver o que o anterior escreveu, crie uma resposta qualquer,

contendo PORQUE no seu início, e a escreva onde agora é o alto da folha. Sugira-os que busquem respostas criativas, engraçadas ou absurdas. Por exemplo: Porque não sabe voar na vassoura. Peça para que a dobre novamente, passando-a para trás. O próximo colega fará outra pergunta e assim prossiga com a atividade até que aquela folha esgote-se e resulte completamente dobrada. Neste momento, convide alguns alunos para que as desdobrem e realize as leituras para toda a turma daquela curiosa produção coletiva.

Veja um exemplo:

Por que a bruxinha Tenebrosa é tão diferente das outras bruxas?  
Porque não sabe voar na vassoura.  
Por que ela gosta de loção?  
Porque nunca teve sorte.  
Por que ela não gosta de escuridão?  
Porque ela é muito esperta.  
Por que ela se transformou em fada?  
Porque ela achava tudo muito chato.  
Etc.

#### 8. Biografia da personagem:

Explique-lhes o que é uma biografia e proponha que cada aluno escolha um personagem do livro e invente uma biografia para ela, a mais completa possível. Pode ser feita também em grupos. Estabeleça um tempo e, tendo terminado, solicite que alguns façam a leitura para a turma. Uma variável para estas leituras: não dirão o nome do biografado, ao final a turma tem que descobrir.

#### 9. Lendo nas entrelinhas:

Ensine-os a interpretar criticamente, construir juízos sobre a história. Não se contente, nem os deixe se contentarem, somente com a leitura de primeiro plano. Instigue-os a pensar sobre o que pode estar por trás de determinadas ações dos personagens e consequências disto, qual teria sido a intenção do autor em certa situação da história, etc.

#### 10. Contando a história com slides:

Em outro momento, aproveite-se da tecnologia e conte a história do livro por meio de slides projetados. É sempre interessante explorar vários suportes do texto.

#### 11. Caça-palavras e cruzadinhas:

Produza caça-palavras e cruzadinhas a partir do texto do livro para os alunos resolverem, sozinhos ou em grupo. Com os menores, atividades de ligar pontos ou de imagens extraídas das ilustrações do livro.

#### 12. Brincando de preencher lacunas:

Retire trechos do livro adotado e os edite, retirando letras e colocando nos seus lugares tracinhos para os alunos colocarem as que julgarem ser as corretas. Em um nível mais avançado, retire palavras; e um pouco mais adiantado, retire frases. Peça para que alguns leiam seus resultados para a turma. Receba-as, corrija-as e as devolva.

#### 13. Apresentando-se para os funcionários da escola:

Proponha à gestão da escola momentos em que você e seus alunos convidem a direção, o pessoal da cozinha, da limpeza, da portaria, etc para apresentar suas produções como atividade prévia à culminância.

#### 14. Os funcionários apresentando-se para os alunos:

Proponha à gestão da escola o inverso: que estes profissionais de educação se apropriem das obras e preparem leituras dramatizadas ou não para apresentarem para os alunos.

15. Compartilhando leituras com a família:

Proponha que os alunos nos finais de semana compartilhem as leituras com os familiares e depois contem na próxima aula como foi a experiência. Para maior efetividade, mande um bilhete para a família com esta orientação.

### Atividades que podem ser aproveitadas na culminância

1. O que aconteceu depois?

Proponha para que, a partir da história do livro, produzam um novo final. Faça a seguinte provocação na forma de pergunta: “O que aconteceu depois?” E os desafie a escreverem, individual ou em grupos, mais um parágrafo (o parágrafo final) para a história.

2. Dramatizações da história de diversas formas:

Divida a turma em grupos e ensaie a dramatização da história, uns com atores, outros com fantoches, outros com dedoches, outros com teatro de sombra, etc.

3. Filmando as apresentações:

Filme as apresentações que fizerem e depois faça uma sessão de cinema com eles, com direito a pipoca. É importante que eles se vejam protagonizando tais produções.

4. Pesquisa sobre a vida e obra do autor:

Oriente-os a pesquisarem na internet a vida e a obra do autor e do ilustrador.

5. Cartaz criativo para a porta da sala:

Proponha que, a partir da obra adotada, a turma produza um cartaz criativo que a reflita e afixe-o na porta da sala deixando lá ao longo do projeto e expondo-o na culminância.

6. Cartazes com trechos do livro:

Proponha a produção de cartazes com trechos do livro e imagens que quiserem produzir e afixem nos murais da escola com o nome do projeto, dando a informação do título do livro, editora, ilustrador, ano de publicação, etc.

7. Reconto criativo da história:

Produza com eles o reconto criativo da história e a sua produção em forma de livro artesanal.

8. Reconto criativo das ilustrações:

Produza com eles o reconto criativo das ilustrações da história, finalizando também com um livro artesanal.

9. Música-tema:

Desafie-os a criarem uma música-tema criativa no estilo que quiserem para o livro ou para um dos personagens do livro. A música pode ser apenas vocal ou se quiserem podem incluir instrumentos, que podem ser construídos por eles em sala. Sugira que se inspirem em trechos da história.

10. Trilha sonora:

Desafie-os a comporem uma trilha sonora criativa para a história, isto é, os sons (batidas, gritos, cochichos, ruídos de passos, cantos de pássaros, galhos quebrando, etc), usando material sustentável.

11. Família e funcionários apresentando na culminância:

Proponha que algumas mães, pais ou outros funcionários da escola façam uma apresentação na culminância.

12. Maquete:

Proponha a construção coletiva de maquetes dos cenários da história.

13. Jogo da memória e quebra-cabeças:

Construa com eles jogos de memória e quebra-cabeças, usando materiais diversos (tampinhas de garrafas pet, de latas ou de vidros, pedacinhos de tábuas, etc), a partir de recortes das ilustrações do livro. Faça cópias antes, claro!

14. Convites da festa:

Organize com eles a confecção criativa dos convites para o grande dia da culminância, inspirando-se no livro trabalhado e no projeto como um todo.

15. Figurinos e acessórios:

Organize com eles a confecção criativa dos figurinos e acessórios que usarão para as encenações das releituras que apresentarão no grande dia da culminância.

### Ponto de chegada

1. Antes do grande dia da culminância, refaça o exercício do ponto de partida: a tempestade de ideias a partir das mesmas questões do início. Espera-se, nas suas falas, que eles revelem apropriação destes saberes e, mais ainda, que transcendam ao perguntado, elucubrando novas questões à frente daquelas.

2. O grande dia da culminância! Momento em que todas as turmas socializarão suas produções entre si e com a comunidade escolar. A coordenação do projeto elabora uma programação que contemple o que produziram, mas atente para que não seja enfadonho ou extensa. Não se esqueça de incluir nela a participação do autor, que, além de estar presente desde o início da festa, conversará por alguns minutos com eles, contará uma história e autografará os livros. Não se esqueça de enviar a programação para as famílias junto com um elegante convite para a festa! Lembre-os de levarem seus livros neste dia! Prepare esta festa com capricho, utilize todos os espaços possíveis na escola para as exposições das produções visuais, reserve um local privilegiado para as apresentações cênicas dos alunos e para a participação do autor. Prepare-se para o mundo de emoções que virão e orgulhe-se de ter contribuído para a construção de um mundo muito melhor, aproximando crianças, jovens e família do mundo mágico do livro e da leitura; orgulhe-se de ter ajudado a construir uma experiência definitivamente transformadora na vida destes pequenos grandes cidadãos!

### Avaliação

A avaliação é uma tarefa essencial neste projeto e deve ser feita em dois momentos: a sua avaliação pessoal e a coletiva, em nível de escola. Ambas, precisam ter foco nos objetivos geral e específicos e requerem uma concepção formativa. Na sua avaliação pessoal, apoie-se nas observações e registros das atividades que fez, com atenção especial no envolvimento dos estudantes, nas mudanças qualitativas das atitudes e no posicionamento deles nos momentos das produções coletivas. Mas, lembre-se! Tais observações não poderão ser passivas: acompanhe, intervenha, oriente a fim de favorecer a promoção de oportunidades de aprendizagens. Fique atento para aspectos dos objetivos e da tempestade de ideias inicial que eles ainda

não se apropriaram e dê mais atenção a estes. Especial atenção também ao grau de enriquecimento dos seus saberes revelados na segunda tempestade de ideias. Na avaliação coletiva, a coordenação do projeto reúne-se com a escola para cruzar as avaliações pessoais e discutir, sobretudo, três pontos: as potencialidades, as fragilidades encontradas e propostas de soluções para os eventos futuros.

### Conclusão

Minhas várias revisitas em anos subsequentes às mesmas escolas para reedições destes projetos me proporcionam reencontros com crianças e jovens que tiveram muitíssimas das

vezes seus primeiros contatos com o livro e com o autor oportunizados por estas ações. É sempre uma alegria indescritível ouvi-los dizerem a mim, com muita intimidade, um, dois, três ou quatro anos depois o quanto continuam amando os livros e a leitura em convívio pacífico com seus dispositivos eletrônicos e, principalmente, que tudo começou com o projeto! Tais resultados renovam-me o entusiasmo em continuar proporcionar experiências transformadoras para este grande e importante contingente de estudantes (adultos de amanhã), sobretudo da nossa escola pública, experiências que favoreçam a construção de um mundo mais letrado, mais cidadão e mais humano. Assim como torná-los protagonistas críticos, ativos, reflexivos e intencionais nos processos de emancipação social. ■

### Referências bibliográficas

MIRANDA, Simão de. **De bruxa tenebrosa a fada graciosa**. Fortaleza: IMEPH, 2017.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.